

São Josemaria à Nossa Senhora do Pilar: “Senhora, que seja!”

A uma simples imagem da Virgem do Pilar confiava eu naqueles anos a minha oração, para que o Senhor me concedesse entender o que a minha alma já pressentia. Domina!, ut sit! – dizia-lhe com termos latinos, não precisamente clássicos, mas embelezados pelo carinho - que seja de mim o que Deus quer que seja.

08/10/2013

Em Saragoça, nas margens do Ebro, ergue-se a esplêndida basílica do Pilar, no lugar onde na época muçulmana havia um templo dedicado a Santa Maria. A sua construção foi iniciada durante o Renascimento, atravessa o Barroco e é concluída, em pleno século XVIII, com soluções neoclássicas. Dentro da basílica fica a Santa Capela de Nossa Senhora do Pilar, onde fica em um magnífico nicho a coluna onde, segundo conta a tradição, a Virgem pousou os seus pés. Esse pilar está forrado de bronze e prata, e suporta uma estatueta que representa uma Virgem de manto amplo com o Menino nos braços.

Desde a sua chegada à Saragoça que São Josemaria impôs a si próprio o grato costume de visitar o Pilar,

aproveitando o tempo livre entre as aulas. E, enquanto morou em Saragoça, como ele próprio diz, viveu diariamente este costume:

**A devoção à Virgem do Pilar
começa na minha vida no
momento em que, com a sua
piedade de aragoneses, os meus
pais a infundiram na alma de cada
um dos seus filhos. Mais tarde,
durante os meus estudos
sacerdotais, e também quando
frequentei o curso de Direito na
Universidade de Saragoça, as
minhas visitas ao Pilar eram
diárias[1].**

Ao visitar a basílica do Pilar, teria muitas vezes de aguardar em fila, como os outros fiéis, para beijar o pedaço da coluna que ficava a descoberto, gasto pelos lábios de gerações de cristãos. Ali, na Santa Capela, repetia **em latim** as suas insistentes jaculatórias: **Domine, ut**

sit!, que seja isso que Tu queres, e que eu não sei o que é! E a mesma coisa à Santíssima Virgem: **Domina, ut sit!**[2]

Não se contentava em beijar a coluna, desejava aproximar-se da imagem.

Segundo conta, meses antes tinha-se valido de um ardil para o conseguir, porque só as crianças e as autoridades podiam beijar o manto que revestia a imagem:

Como tinha boas relações de amizade com vários dos clérigos que cuidavam da Basílica, um dia pude ficar na igreja depois de fechadas as portas. Dirigi-me à Virgem, com a cumplicidade de um daqueles bons sacerdotes, já falecido, subi os poucos degraus que as crianças conhecem tão bem e, aproximando-me, beijei a imagem da nossa Mãe[3].

No seu quarto, em São Carlos, São Josemaria tinha uma reprodução em gesso dessa imagem. Não valia grande coisa. Provinha de um familiar do Cardeal Soldevilla, e a ela recorria pedindo de maneira incessante a sua mediação para que se realizasse quanto antes a Vontade divina:

“A uma simples imagem da Virgem do Pilar confiava eu naqueles anos a minha oração, para que o Senhor me concedesse entender o que a minha alma já pressentia. Domina! – dizia-lhe com termos latinos, não precisamente clássicos, mas embelezados pelo carinho –, ut sit!, que seja de mim o que Deus quer que seja[4].

Não voltou avê-la até 1960.

Tão insistente era a sua oração, que acabou por gravar a jaculatória com a ponta de um prego na base da estatueta. Aquela imagem ficou em

Saragoça quando Josemaria teve de sair da cidade. E só voltou avê-la em 1960, em Roma, quando uma de suas filhas do Opus Dei lhe mostrou uma estátua da Virgem do Pilar, que até então estivera em casa de uns parentes seus de Saragoça. Eles a enviaram para o senhor – conta-nos - porque tinha sido sua:

Padre, chegou-nos uma imagem da Virgem do Pilar, que o Padre tinha em Saragoça. Respondi-lhe: não, não me lembro. E ela: olhe bem; há uma coisa escrita pelo Padre. Era uma imagem tão feia que não me pareceu possível que tivesse sido minha. Mostrou-me e, debaixo da imagem, estava escrito no gesso com um prego: Domina, ut sit!, com um ponto de exclamação, como costumo colocar nas jaculatórias que escrevo em latim. **Senhora, que seja!** E uma data: **24-5-924.**

Muitas vezes, meus filhos, o Senhor me humilha. Ao passo que, com frequência, me dá clareza abundante, muitas outras vezes, Ele me tira a clareza para que eu não tenha nenhuma segurança em mim mesmo. Então vem e oferece-me uma dedada de mel.

Eu lhes falei muitas vezes desses pressentimentos, embora em certas ocasiões pensasse: Josemaria, és um enganador, um mentiroso... Aquela imagem era a materialização da minha oração de anos, sobre a qual também lhes falei tantas vezes[5].

Textos extraídos de **Andrés Vázquez de Prada, Josemaría Escrivá. Fundador do Opus Dei, (I): Senhor, que veja!, Lisboa, Verbo, 2002 (trad. port.)**

[1] “La Virgen del Pilar”, in AA.VV - *Libro de Aragón*. Zaragoza, 1976, p. 97 ss. Também se encontram referências em outros escritos; por exemplo: *Durante o tempo que passei em Saragoça, fazendo os meus estudos sacerdotais [...], as minhas visitas ao Pilar eram pelo menos diárias* (*Recuerdos del Pilar*, artigo publicado em “El Noticiero”, jornal de Saragoça, 11-X-1970). Cf. também Álvaro del Portillo, *Sum.* 142.

A história arquitetônica do templo do Pilar é realmente complexa, devido às vicissitudes dos projetos, trabalhos, ampliações e restaurações, que só terminaram no presente século. Sobre esse e outros aspectos históricos: cf. R. del Arco – “El templo de Nuestra Señora del Pilar en la Edad Media”, in AA.VV. - *Estudios de la Edad Media de la Corona de Aragón*, vol. I. Zaragoza, 1945; F. Fita – “El templo del Pilar y San Braulio de Zaragoza. Documentos anteriores

al siglo XVI”, in *Boletín de la Real Academia de la História*, 44 (1904).

[2] *Carta 29-XII-1947/14-II-1966*, n. 19.

Os seminaristas de São Francisco de Paula publicaram em Janeiro de 1924 um número da revista “La Verdad”, indubitavelmente com conhecimento do Inspetor, pelo que conta Augustín Callejas: “Nós nos empenhamos muito em muito em publicar uma revista do Seminário, para que se notasse a nossa presença no Conciliar. Deu-nos muito trabalho mas, por fim, veio à luz o primeiro número, que depois acabou por ser o último, porque não nos deixaram publicar mais nenhum. Chamava-se ‘La Verdad’. Josemaria escreveu um artigo sobre cultura e literatura e eu outro sobre alguns aspectos da vida pública espanhola do momento” (Augustín Callejas, AGP, RHF, T-02861, p. 5).

Pela ambiguidade da descrição, não é fácil saber a que artigo se refere, já que foram assinados com pseudônimos. Mas é interessante assinalar que se encontra na revista uma longa poesia intitulada *La venida de la Virgen del Pilar*, assinada por *O Trovador*, e que na apresentação da revista pela Redação se lê: “Santíssima Virgem do Pilar [...] abençoai, pois, a nossa humilde revista e sede Vós, pedimo-vos, a Diretora, não apenas honorária mas também efetiva, de ‘*La Verdad*’” (cf. cópia de “*La Verdad*”, em AGP, RHF, D-15488).

[3] “Recuerdos del Pilar” (in “*El Noticiero*”, Zaragoza, 11-X-1970); cf. também AGP, P03 1978, pp. 21-22.

[4] J. Escrivá de Balaguer, *La Virgem del Pilar*, em *Libro de Aragón, op. cit.*, p. 97.

[5] AGP, P03 1975, pp. 222-223; cf. também Álvaro del Portillo, *Sum.*

141; Javier Echevarría, *Sum.* 2556;
Jesús Alvarez Gazapo, *Sum.* 4281.

O primo, Pascual Albás Llamas, testemunha: “Aquela imagem provinha da casa do Sr. Carlos Albás, e Manolita, sua sobrinha, entregou-a à minha mulher” (Pascual Albás, AGP, RHF, T-02848, p. 2).

Entre outros relatos do mesmo fato, cf., por exemplo, o de Encarnación Ortega:

“Aproveitando uma viagem de Roma à Espanha [...], Mercedes Morado, na altura Secretária da Assessoria Central da Seção feminina da Obra, recebeu em Saragoça – entregue por uns familiares do nosso Padre – uma imagem da Virgem do Pilar, em gesso, que tinha pertencido ao nosso Fundador.

Logo que chegou a Roma quisemos entregá-la ao Padre:

- “Padre”, dissemos-lhe, “chegou-nos uma imagem da Virgem do Pilar que o Padre tinha em Saragoça”.

O nosso Padre respondeu que não se lembrava da imagem e eu insisti:

- “Sim, veja, há uma coisa escrita pelo Padre”.

Mostrei-lhe a base da imagem, onde se podia ler uma jaculatória escrita com um prego: *Domina ut sit!*, seguida de uma data: 24-5-924. As palavras latinas terminavam com um ponto de exclamação, como o nosso Padre costumava pôr sempre que escrevia uma jaculatória em latim.

O Padre reconheceu então a imagem e a sua própria escrita, e ficou emocionado” (Encarnación Ortega, AGP, RHF, T-05074, p. 169).

Ao contrário do que erradamente se escreveu em alguma publicação, a data escrita na base não é 24 de

Setembro, mas 24 de Maio (24-5-924);
o algarismo do mês, 5, foi confundido
com um 9.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/sao-josemaria-
a-nossa-senhora-do-pilar-senhora-que-
seja/](https://opusdei.org/pt-br/article/sao-josemaria-a-nossa-senhora-do-pilar-senhora-que-seja/) (23/01/2026)